

Resistências e desafios na prática do futebol feminino

Resistances and challenges in the practice of women's football

Vinicius da Silva Freitas¹, Rosayna Frota Bazhuni², Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima³

Como citar esse artigo. FREITAS, V. S. BAZHUNI, R. F. LIMA, J. C. P. Resistências e desafios na prática do futebol feminino. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 14, n. 1, p. 26-36, jan./abr. 2023.



Resumo

O futebol é um dos esportes mais praticados em todo o mundo e possui diversos adeptos em variados modelos de prática. O preconceito que envolve o meio do futebol feminino é de longa data e por isso é preciso que ações de mudanças sejam implementadas. O objetivo deste trabalho é, para além de apresentar os benefícios proporcionados pela prática do futebol, desvendar os desafios, preconceitos e dificuldades encontradas pelas mulheres. Dessa forma, o trabalho revelou a importância da atenção voltada ao futebol feminino e como a prática pode influenciar no dia a dia de meninas que gostam do esporte. O presente estudo caracterizou-se como revisão de literatura, para sua realização foram feitas pesquisas de referências bibliográficas (artigos, dissertação e livros) encontrados em banco de dados acadêmicos, como SciElo, Google Acadêmico, etc. Os arquivos escolhidos foram publicados entre os anos de 1997 e 2021. Concluiu-se que o futebol além de ser uma atividade que envolve diversos benefícios para o praticante é um meio de enfrentar os ideários machistas impostos pela sociedade. Para isso, o apoio da família e escolas e faz necessário e de grande importância, bem como o entendimento e apoio da mídia esportiva.

Palavras-chave: Futebol Feminino, Família, Escola, Mídia Esportiva.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

Football is one of the most popular sports in the world and has many fans in different models of practice. The prejudice that surrounds women's football has been around for a long time and therefore it is necessary that actions for changes be implemented. The objective of this work is, in addition to presenting the benefits provided by the practice of football, to reveal the challenges, prejudices and difficulties encountered by women. In this way, the work revealed the importance of attention focused on women's soccer and how the practice can influence the daily lives of girls who enjoy the sport. The present study was a literature review, for its accomplishment, searches were made of bibliographical references (articles, dissertation and books) found in academic databases, such as SciElo, Google Scholar, etc. The chosen files were published between the years 1997 and 2021. It was concluded that football, in addition to being an activity that involves several benefits for the practitioner, this a means of facing the sexist ideals imposed by society. For this, the support of the family and school is necessary and of great importance, as well as the understanding and support of the sports media.

Keywords: Women's Soccer, Family, School, Sports Media.

Introdução

O futebol surgiu após o século XIX. No Brasil, assim como em outros países, o esporte ganhou a principal característica de ser uma prática limitada para homens. As condições para o acesso feminino sempre esbarraram no preconceito relacionado ao gênero. Com isso, a literatura científica recebeu espaço para a discussão sobre os aspectos culturais e sociais que fundamentam este preconceito. Através de discursos, leis e práticas as mulheres sempre foram excluídas das associações locais, campos e clubes de futebol (BRITTOS; SANTOS, 2012).

Durante muito tempo o futebol era visto como algo não adequado ao sexo feminino e os homens

Afiliação dos autores:

¹A Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação/Universidade Estácio de Sá – UNESA, Rio de Janeiro, Brasil.

²Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação/Universidade Estácio de Sá – UNESA, Rio de Janeiro, Brasil.

³Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação/Universidade Estácio de Sá – UNESA, Rio de Janeiro, Brasil.

* E-mail de correspondência: viniciuscarvalho34@hotmail.com

Recebido em: 06/02/2023. Aceito em: 30/03/2023.

dominavam as práticas sociais e esportivas dentro do campo de futebol, dando assim significados a estes lugares na cidade. Esses sentidos foram estabelecidos dentro dos espaços urbanos através de uma hierarquia social e de sexo, onde alguns paradigmas culturais relacionados à sexualidade, identidade de gênero e diferenças sociais foram alimentados e ganharam forte repercussão (COSTA, 2014).

Hoje, a prática do futebol feminino tem crescido de forma significativa nas áreas urbanas, o que indica uma aceitação maior em relação à presença das mulheres no esporte. O foco neste assunto se dá pela observação da falta e/ou a inexistência de incentivo para a prática por parte dos profissionais da educação e familiares. Isso ocorre pelo preconceito que ainda existe dentro da sociedade que limita mulheres a desempenharem determinadas funções direcionadas aos homens e se dedicarem à prática de esportes de alto rendimento, apenas por questões sociais e culturais (DARIDO *et al.*, 2001; FRANZINI, 2005).

Então, quais são as resistências e os desafios encontrados na prática do futebol feminino? O objetivo deste artigo é apresentar como o preconceito prejudica a prática do futebol feminino e analisar a possibilidade de obter benefícios através da prática desse esporte. As mulheres estão ganhando espaço dentro dos esportes e no mercado trabalho, e com isso determinados paradigmas e preconceitos tendem a perder seus valores. Uma vez que elas passaram a desempenhar as mesmas funções que os homens, em alguns casos, com maior eficiência.

Futebol Feminino no Brasil: História e Espaço em Veículos de Imprensa

Acredita-se que a prática do futebol no Brasil começou com Charles Miller em 1894, final do século XIX. Filho de empresários do ramo têxtil, ao regressar dos estudos na Inglaterra trouxe consigo diversos objetos, artigos e regras relacionados ao esporte (BROCH, 2021). O que não se imaginava na época é que após um centenário, esse esporte alcançaria a relevância que possui hoje na cultura e se tornasse um aspecto marcante da identidade brasileira. Hoje, o Brasil é visto como o “país do futebol” e a seleção canarinho é reconhecida mundo a fora pelo talento de figuras reconhecidamente históricas no esporte, como o exemplo de Pelé e Zico (GASTALDO *et. al.*, 2005).

Desde a sua chegada no país, o futebol foi considerando um esporte elitista e exclusivo para pessoas de famílias abastadas de bairros cariocas e paulistas. O esporte era praticado em colégios caros, frequentados por homens ricos e brancos. Nesse período, o futebol possuía um caráter segregatório, sendo “vinculado ao aspecto de gênero, classe e raça. Aos pobres, negros e mulheres, a prática não era permitida” (BROCH, 2021, p. 697).

Esse cenário não mudou com a regulamentação da prática profissional, o surgimento da primeira federação de futebol e a criação de grandes clubes. Inclusive, a presença majoritária de brancos e ricos em ambientes dos jogos fez com que a torcida tricolor carioca ganhasse o apelido de pó de arroz (COSTA, 2014). Em 1914, o jogador Carlos Alberto teve que usar esse artifício para disfarçar a pele mulata e poder participar da partida entre Fluminense e América (BROCH, 2021).

Analisar sobre a participação da mulher nesse esporte obriga a olhar para o fator resistência, assim como as barreiras que foram impostas a presença feminina no campo. Compreende-se que setores da sociedade entendem a “inserção das mulheres nos gramados será algo que diminuirá o brilho do esporte” (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 12).

É preciso lembrar que as resistências ao futebol feminino na sociedade brasileira são diversas e possuem diferentes vertentes histórico-sócio-culturais e políticas. Desde o olhar machista, o preconceito dentro e fora de campo, a proibição através de lei, a falta de infraestrutura no treinamento de base, oportunidade, patrocínio e a desigualdade dos valores salariais entre jogadores de times masculinos e femininos. O esporte brasileiro sempre foi amparado pelo aspecto das relações de desigualdade de classe e gênero (BROCH, 2021). Esse cenário fez com que a participação feminina em atividades esportivas fosse muito menor, se comparada à realidade dos homens.

A mulher sempre foi vista em uma posição de submissão e fragilidade - intelectual e física - em relação ao homem. Sendo o futebol constituído no imaginário social como um espaço voltado para as “práticas sociais masculinas, o que resultou em uma prática esportiva identitária que possui resistência, ainda maior do que os outros esportes, à prática feminina” (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 7).

Desde o início do século XX, as mulheres brasileiras já estavam introduzidas no meio futebolístico, porém de forma limitada, amadora e/ou mesmo clandestina e repleta de estigmas. As mulheres jogavam futebol em campos de periferias ou várzea. Entre 1913 e 1920, na cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro 1931 e 1940, times constituídos por mulheres se enfrentavam em disputas de futebol de bairros. No entanto, conforme descrevem Franzini (2005); Mourão e Morel (2005), a mídia não dava a devida importância para esses jogos e os apresentavam como um programa cômico.

A partir do início da década de 1940, os organizadores do campeonato carioca da segunda divisão estabeleceram a realização de jogos entre times femininos. As partidas ocorriam antes dos jogos masculinos. Na época, esses eventos provocaram debates polêmicos a respeito da dimensão moral do futebol feminino e a sua conveniência (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2005).

As primeiras décadas do século XX foram marcadas por um ambiente respeitável, tanto no Brasil quanto em todo o mundo. Existiam publicações e discussões direcionadas a saber se as mulheres deveriam ou não praticar atividades esportivas. As publicações eram encontradas em jornais e revistas, tanto no ambiente social quanto acadêmico (FILGUEIRA; SCHWARTZ, 2007).

As atividades esportivas femininas começavam a ganhar espaço naquele momento, sendo vistas como ato de resistência contra os discursos hegemônicos ligados à identidade da mulher. No ano de 1940, o Estado do Rio de Janeiro tinha diversos times femininos de futebol (FRANZINI, 2005). Os que foram criados naquela época faziam parte do subúrbio da cidade como Cascadura, Realengo ou Benfica, as equipes eram constituídas por mulheres de classe social baixa ou média. Ainda em 1940, ocorreu uma disputa entre times femininos onde Sport Club Brasileiro ganhou do Casino Realengo Futebol Clube com o placar de 2 a 0, com gols de Zizinha e Sarah (COSTA, 2014).

A realização da partida ocorreu como fase preliminar do jogo de grandes clubes masculinos, como o América (RJ) e São Paulo (SP). Porém, a partida de futebol feminino ganhou maior repercussão no amistoso realizado um ano depois no jogo do Flamengo contra o São Paulo no estádio do Pacaembu (COSTA, 2014). Essa partida histórica dividiu a opinião pública, pois o futebol era contra a natureza feminina e destoava do papel de mãe que a mulher deveria exercer, os comentários machistas e que mostravam o conservadorismo da época não foram poupados (GOELLNER, 2005, p. 144).

Em 1941, a prática do futebol por mulheres foi proibida pelo Conselho Nacional de Desportos através do Decreto-Lei 3199, tratada no art. 54. O decreto foi extinto em 1979 após o fim da ditadura e o Conselho Nacional de Desportos foi obrigado a retirar a proibição do futebol de mulheres, mas as ações estruturais para o desenvolvimento do futebol feminino ainda eram muito dificultadas. As associações esportivas e os clubes de futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo, assim como em outros estados, se limitavam a montagem de times femininos para mulheres que quisessem praticar o futebol, mas sem oferecer qualquer incentivo social (GOELLNER, 2005).

De acordo com Franzini (2005), neste mesmo ano, os clubes mais tradicionais do Rio de Janeiro começaram aos poucos a dar espaço aos departamentos ligados ao futebol feminino. Costa (2014) cita que o campeonato carioca de futebol feminino foi finalmente fundado em 1981. Isso fez com que o campeonato de times de futebol feminino na cidade ganhasse cada vez mais participantes.

Esse tempo em que o futebol foi proibido para mulheres deixou alguns legados incômodos, como o preconceito com quem praticava o esporte, além da dificuldade de prospecção de patrocínio por parte de instituições e o estabelecimento de novas estruturas. Percebe-se que “as jogadoras eram reduzidas devido a suas características físicas e não eram aceitas como atletas” (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 78).

Os registros mostram que as mulheres apareceram dentro de um estádio de futebol como torcedoras

com personalidade comportada e recatada. Traços históricos revelam o caráter machista desde aquela época, onde as mulheres eram inibidas no futebol, uma vez que o esporte era julgado como violento e rude. Dessa forma, a mulher jamais poderia praticar tal modalidade. De acordo com Leite *et. al.* (1996) *apud* Reis (1997) o futebol no Brasil acumula uma vasta história de exclusão feminina e de reprodução de estereótipos sexistas em relação ao futebol. Isso resultou em algumas crenças sociais, onde o futebol passou a estar relacionado com músculos fortes e resistência viril, que são características sem dúvida atribuídas a um jogador de futebol.

Percebe-se que o machismo no Brasil existe desde tempos remotos e ainda pode ser percebido mesmo com todos os avanços sociais e tecnológicos. Apesar dos resultados percebe-se que “hoje em dia, o preconceito em relação à mulher que joga futebol, é quase o mesmo” (REIS, 1997, p. 127). Isso significa que as batalhas para que o futebol feminino se desenvolva ainda serão grandes, sendo necessário muito desempenho. O futebol está vinculado a imagem da mulher forte e com músculos, o que caminha em direção contrária ao entendimento sobre feminilidade (COSTA, 2014).

Esta é uma barreira que impede a prática e o interesse, resultando na exclusão das mulheres do esporte. Desta forma, a prática do futebol ainda em pleno século XXI, carrega consigo a ideia de homossexualidade (COSTA, 2014). É possível encontrar mulheres que jogavam futebol na época da escola com os meninos e sempre ouviam comentários preconceituosos e com os mesmos teores: “(...) mulher-macho! Vai jogar bola com os homens! Sapatão! Não pode jogar bola! (...)” (REIS, 1997, p. 127).

Mesmo enfrentando grandes dificuldades no mundo do futebol, as mulheres alcançaram grandes conquistas como árbitras, dirigentes e jogadoras. A atuação delas nas Olimpíadas de Atlanta deu visibilidade maior ao esporte e a afirmação do espaço feminino no futebol. O artigo de Claudia Nogueira, publicado em 1996 no jornal O Globo, descreveu o sucesso de Pretinha e suas companheiras, que colocaram o Brasil na quarta posição nas Olimpíadas de Atlanta.

Tanto é que em meados dos anos 2000, a seleção feminina de futebol obteve sucesso em competições internacionais e a jogadora Marta Vieira da Silva (popularmente conhecida como Rainha Marta) ganhou notoriedade por ter sido escolhida cinco vezes a melhor jogadora do mundo. Esses eventos deram maior visibilidade ao futebol feminino (COSTA, 2014).

Apesar da crescente presença e participação significativa das mulheres no futebol, esse cenário deve ser visto com cautela. O número de jogadoras ainda é menor que o de atletas homens, eles ainda ganham maior destaque e projeção nos meios de comunicação. Essa perspectiva pode ser identificada “nos Jogos Olímpicos, nos clubes esportivos, nas atividades escolares, nas áreas de lazer, na presença em estádios e ginásios como espectadoras, etc.” (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 80).

Mourão e Morel (2005) destacam que algumas jogadoras ainda lutam para conquistar o merecido reconhecimento. O apoio da imprensa é relevante, pois a mulher ainda enfrenta muito preconceito, tanto dentro quanto fora de campo. Mesmo que, desde o século XX, já tivessem quebrado alguns paradigmas e alcançado feitos significativos. Passaram-se algumas Olimpíadas em que o time de futebol feminino brasileiro obteve ótimos resultados, porém, a aceitação do esporte não mudou de forma satisfatória. Isso faz com que essa modalidade caminhe em direção ao crescimento dentro do Brasil de forma lenta.

O futebol praticado pelas mulheres no Brasil, vem apresentando conquistas significativas e avanços históricos com a superação de diversos preconceitos e obstáculos impostos pela própria sociedade. Ainda que se imponham diversas dificuldades para superar a hegemonia dos homens no futebol. Mesmo que nos últimos anos, o crescimento da “população feminina que participa no universo futebolístico tenha sido expressivo através de conquistas internacionais e não apenas de audiência, o ambiente esportivo do futebol ainda continua tendo uma hegemonia masculina” (GASTALDO *et. al.*, 2005, p. 6).

Os eventos não aparecem com a frequência esperada na mídia esportiva. Quando é citada em veículos de imprensa esportiva, a modalidade é separada pelas características relacionadas ao estereótipo do indivíduo. Segundo Knijnik e Vasconcelos (2003) a cobertura da mídia em relação ao esporte feminino é permeada pelo caráter de trivialização e sexualização. O que esconde o poder esportivo de quem pratica

o futebol feminino.

Os meios de comunicação podem influenciar a opinião pública, possuindo uma importância direta na construção da identidade e na promoção do reconhecimento entre futebol, sociedade e mulher. Torna-se necessário que as mídias comecem a tratar as mulheres que praticam o futebol da mesma forma que tratam os homens, para que elas consigam ocupar espaços e superar os preconceitos impostos pela sociedade.

No quesito esporte e mídia, é possível acompanhar diversos trechos de estudos onde estes termos se encontram e trabalham de forma conjunta. A mídia toma posse do esporte, analisando-o e percebendo-o como uma “forma de mercado emergente que gira em torno da comunicação, e isto se torna um espetáculo a ser expectado, no intuito de tornar amplo o consumo dos apaixonados pelo esporte” (GASTALDO *et. al.*, 2005 p. 7).

O futebol está alinhado com a publicidade. Esse é o esporte das multidões, das massas. Alguns veículos da mídia enxergam nesse ambiente a possibilidade de economia de mercado. Este fato ocorre até mesmo em situações onde não se possui equipamentos específicos para transmitir ou cobrir eventos. De acordo com Brittos e Santos (2012) apesar das dificuldades de ordem técnica para a transmissão desses tipos de eventos, o futebol já possui um espaço próprio dentro dos meios de comunicação. Sendo o rádio um dos principais veículos desta comunicação, tornando-se um bom meio para conquistar a audiência. Iniciada na metade do ano de 1932, quando Getúlio Vargas deu a autorização para os rádios se envolverem com a publicidade.

Com o processo de modernização dos veículos de mídia, os programas voltados para a transmissão de conteúdo esportivo foram ganhando maior espaço. Assim, o marco mais importante do esporte mundial começou a ser acompanhado. Não se pode deixar de lado o maior evento do futebol mundial ao citar acontecimentos internacionais. Britos e Santos (2012) acham que a possibilidade de transmissão via satélite permitiu que o grande primeiro evento internacional fosse transmitido em tempo real, que foi a Copa do Mundo de 1970, realizada no México.

A Copa do Mundo é a competição de maior destaque na mídia, essa concepção não vem de agora e o interesse por esse evento tem crescido de forma gradativa. Gastaldo *et. al.* (2005) descrevem que a apropriação da mídia em relação a Copa do Mundo permite o alcance do maior índice de publicidade durante a realização dos jogos, elevando de forma constante a produção de reportagens crônicas, especiais, anúncios publicitários e programas relacionados a esse evento.

Porém, quando se trata do futebol feminino a história não se repete. A modalidade tem presença quase nula na mídia esportiva e não ganha tanto espaço, sendo relacionada e abordada pela mídia com características estereotipadas, de forma sexualizada e trivializada. Knijnik e Vasconcelos (2003) entendem que essa cobertura da mídia direcionada ao esporte feminino é o que faz com que o poder esportivo das mulheres seja por hora negada ou tenha a importância reduzida.

Apesar de todas as conquistas importantes do futebol feminino no Brasil, com as suas vitórias e a superação de diversos obstáculos impostos pela sociedade, ainda é difícil quebrar a hegemonia masculina no cenário do futebol. Conforme cita Gastaldo *et. al.* (2005) mesmo que tenha ocorrido crescimento expressivo nos últimos anos da participação feminina no universo do futebol, não existe apenas manifesto em relação a audiência oferecida dentro de campo, mas também pelo sucesso internacional alcançado pela seleção brasileira de futebol.

Não há como negar que o mundo do futebol continua sendo território masculino. A mídia possui um papel importantíssimo e esse reconhecimento pode ser responsável pela construção da identidade do futebol, da sociedade e da mulher no meio social. Dessa forma, é necessário a realização da análise do futebol de forma geral e com isso, inserir o futebol feminino na mídia.

O futebol ocupa a dianteira na preferência esportiva do país e um lugar especial no coração do brasileiro. Apesar disso, a prática futebolística “encena um ritual coletivo de intensa densidade cultural,

pleno de conexões múltiplas com a realidade brasileira, que se baseia, tradicionalmente, na expressão da masculinidade” (REIS, 1997, p. 2).

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica com o método de revisão narrativa. Nesse método as narrativas possuem natureza opinativa. A seleção dos textos utilizados na pesquisa teve a intenção de reforçar a opinião e o ponto de vista do autor, não atendendo um critério sistemático ou quantitativo para esta seleção (NOBRE, BERNARDO; JATENE, 2003).

O estudo ocorreu no mês de setembro 2021 e os dados foram obtidos nas bases de dados Embase, Scopus, LILACS, SciELO. Assim como o banco de teses e dissertações da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A estratégia de busca foi a mesma em todas as plataformas e foram empregados os termos propostos nos Descritores de Ciências da Saúde (DECS) e operadores booleanos combinados da seguinte maneira: “Futebol” AND “Futebol Feminino”; “Preconceitos e Importância” AND “Futebol Brasileiro” “Esporte” AND “Cultura”.

Os títulos e os resumos de todos os artigos identificados na busca eletrônica foram revisados. Sendo selecionados os textos que preencheram o critério de inclusão, e, quando possível foram obtidos integralmente para melhor compreensão do tema.

Os critérios de inclusão foram: trabalhos publicados nos idiomas português, inglês, espanhol, com disponibilidade de resumos e artigos publicados entre 1997 e 2021. Os critérios de exclusão foram: editoriais; resumos de congressos ou conferências; relatórios técnicos e científicos; documentos ministeriais; artigos repetidos nas diferentes bases de dados e que não estavam direcionados para a temática do estudo.

Após a adoção dos critérios descritos, foram encontradas treze produções. Elaborou-se um formulário para a apresentação dos textos selecionados composto pelos itens: título do estudo, ano, autoria, objetivos e tipo de pesquisa (Tabela 1). Dentre eles, dez (75%) artigos, uma (8%) dissertação e dois (17%) livros.

Tabela 1. Material consultado para embasamento teórico.

Ano	Autor(es)	Tema	Objetivo	Tipo de pesquisa
1997	REIS, Lucia Costa	Representações da mulher que joga futebol.	Captar e interpretar as representações que excluem a mulher do futebol.	Dissertação de Mestrado
2001	DARIDO, Suraya Cristina <i>et. al.</i>	A Educação Física na Escola, A Formação do Cidadão e Os Parâmetros Curriculares Nacionais	Analisar a proposta de Educação Física para os 3o. e 4o. ciclos (5a. a 8a. séries do ensino fundamental) contida nos Parâmetros Curriculares, área Educação Física.	Artigo
2004	KNIJNIK Dorfman, Jorge; VASCONCELOS, Esdras Guerreiro.	Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol	Mostrar as impressões brasileiras sobre o futebol feminino	Capítulo de livro
2005	FRANZINI, Fábio.	Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.	Apresentar e analisar a presença do sexo feminino dentro e fora dos gramados durante a primeira metade do século XX.	Artigo
2005	GASTALDO, Édison Luis <i>et. al.</i>	Futebol, mídia e sociabilidade. Uma experiência etnográfica.	Discutir algumas impressões de recepção em bares, com transmissão ao vivo de jogos de futebol na região metropolitana de Porto Alegre	Artigo

Tabela 1 (cont.). Material consultado para embasamento teórico.

Ano	Autor(es)	Tema	Objetivo	Tipo de pesquisa
2005	GOELLNER, Silvana Vilodre.	Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.	Evidenciar que as mulheres protagonizam histórias no futebol brasileiro ainda que tenham pouca visibilidade.	Artigo
2005	MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia	As narrativas sobre o futebol feminino. O discurso da mídia impressa em campo.	Acompanhar as narrativas da mídia impressa (1930 a 2000) sobre a trajetória do futebol feminino e o discurso que a mídia vem veiculando na sociedade brasileira	Artigo
2007	FILGUEIRA, Márcio; SCHWARTZ, Gisele M.	A complexidade das Inter – relações na iniciação esportiva no futebol.	Discutir a efetividade das interações pessoais e os aspectos intervenientes da torcida em relação à criança, na prática competitiva do futebol, em fase de iniciação esportiva.	Artigo
2007	TOD T, Nelson Schneider	Em busca do espírito Olímpico, Maturação Biológica e Iniciação Esportiva	Investigar o nível de maturação biológica e o processo de seleção de jogadores dentro do espírito olímpico.	Artigo
2012	BRITTOS, Valério Cruz; SANTOS, Anderson David Gomes dos.	Processos midiáticos do esporte: do futebol na mídia para um futebol midiático	Contextualizar e conceituar a midiaticização e como o futebol inclui as determinações sociais nas suas práticas estruturantes	Artigo
2014	COSTA, Leda Maria da.	Beauty, effort and talent: a brief history of Brazilian women's soccer in press discourse	Oferecer um breve histórico sobre a evolução do futebol feminino no Brasil.	Artigo
2021	BROCH, Marina.	Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero.	Evidenciar importantes pontos acerca da historicidade do futebol no Brasil, bem como destacar a forma como a desigualdade de gênero refletiu e ainda reflete na vida das jogadoras de futebol.	Artigo

Fonte: Levantamento realizado pelos autores em consulta nas bases de dados e Plataforma CAPES.

A maior prevalência ocorreu entre o ano de 2005 (37%), período de realização de diversos campeonatos de futebol no Brasil com a participação de mulheres e do Congresso promovido pelo Instituto Internacional de Futebol, que tinha como perspectiva o futebol feminino como uma área de estudos emergente. Seguido de 2007 (18%), ano em que o Brasil ficou em primeiro lugar nos Jogos Pan-Americanos, conseguindo a medalha de ouro no torneio feminino de futebol. Entende-se que o resultado obtido nesse evento colaborou para o aumento do interesse de pesquisadores de diversas áreas pelo tema.

A presente revisão de literatura apresentou um breve resumo da história do futebol feminino, a visão da mídia sobre a participação da mulher nesse esporte e como o seu talento é visto no meio futebolístico. A seguir, a seção de resultados e discussões vai permitir o maior entendimento sobre o papel da família e da escola, o incentivo da prática do futebol e como o esporte tem auxiliado na saúde e na qualidade de vida dos praticantes.

Resultados e Discussões

Ao analisar a revisão de literatura descrito, foi possível perceber que a participação feminina dentro do ambiente do futebol, assim como em outros esportes sempre foi colocada na sombra da prática masculina e da figura do homem. Devendo-se levar em conta que a mídia e, até mesmo os familiares e a escola, apresentam certa resistência em relação à presença das mulheres no meio futebolístico (KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003).

De modo geral, acredita-se que o afastamento ou distanciamento das mulheres do mundo do futebol advém da ausência de incentivos ou de projetos que permitam a sua entrada e permanência no esporte. Em situação similar a que ocorre no ambiente do futebol masculino. A mídia, os familiares e até a escola diversas vezes tiram o interesse ou incentivam a desistência da prática ao apontar pontos negativos e tecer críticas quando algumas meninas tomam a decisão de participar de torneios de futebol (FILGUEIRA; SCHWARTZ, 2007).

O caso que mais repercutiu na história recente foi o da garota de dez anos que precisou de liminar judicial para que uma escola em Belo Horizonte permitisse sua participação na competição de futebol interna. A instituição impedia a menina do 5º ano escolar de jogar e alegava não ter equipe feminina. A posição preconceituosa da instituição não admitia que ela jogasse com a equipe de meninos (PAIVA, 2022).

Percebe-se que a escola como um ambiente privado de reprodução da cultura tradicional e que, muitas vezes, não permite a vivência deste “tipo de atividade para as alunas do sexo feminino pois, poderia parecer promíscua, sem credibilidade e não poderia ser frequentada por meninas de família” (REIS, 1997, p. 97).

A Importância da Escola

De acordo com Darido *et. al.* (2001) depois do ambiente familiar, o processo inicial de formação dos primeiros contatos do indivíduo com o ambiente social acontece também nas escolas. Nesses lugares a criança possui a oportunidade de conviver e passar pelas partes mais importantes da infância, pois na escola ocorre melhor direcionamento e posicionamento frente as regras e normas que devem ser estabelecidas ao longo da vida.

Sob a óptica de Broch (2021), as regras oportunizam o primeiro contato da criança com os limites, pois aprende a respeitar as normas, o tempo, a lidar com as frustrações em detrimento dos acordos no grupo. A posição no jogo e a delegação de funções pode favorecer ou não a elevar a autoestima dos estudantes e a participação de todos democratiza o esporte.

Sabe-se que as crianças, principalmente de quatro e cinco anos, no período da Educação infantil ainda não participam dos jogos competindo como os adultos. Elas sentem alegria de participar, portanto começar a implementar o jogo do futebol na infância para ambos os sexos pode ser produtivo para desmitificar a ideia latente deste jogo ser caracteristicamente masculino. Para isso, não se deve separar os meninos das meninas para as atividades corporais propostas nas aulas de Educação Física (BROCH, 2021).

Uma das funções presentes na Educação Física é a formação de um bom cidadão, que ele tenha a capacidade de compreensão e consciência de que deve ser ativo no meio social. Essa disciplina faz parte de um processo de cidadania que norteia a formação das crianças nas escolinhas, fazendo com que elas passem a ter maior capacidade social em relação ao respeito mútuo, solidariedade e dignidade, valorizando, respeitando, conhecendo e desfrutando da grande diversidade de manifestações culturais. Entende-se que isso faz parte de um elemento integrante do ambiente e permite a adoção de hábitos na vida do próprio indivíduo que tornam a convivência mais saudável (DARIDO *et. al.*, 2001).

Assim é preciso inserir a criança dentro do ambiente cultural para adquirir a capacidade de analisar, fazer críticas e compreender tudo aquilo que se passa no dia a dia. Isso permite que a criança possa

interferir, organizar e reivindicar seu espaço de forma mais autônoma, bem como exigir locais mais proporcionais para praticar as atividades que promovam o bem-estar e o lazer (DARIDO *et. al.*, 2001).

O futebol é um jogo que também possui caráter educativo e se destaca entre os esportes por ser uma prática com característica coletiva, que possui a “necessidade de respeito mútuo e como esporte, pode e deve formar seres física e espiritualmente em condições de ocuparem seus postos na sociedade” (REIS, 1997, p. 2).

A Importância da Família para a Iniciação

Todt (2007) verifica a importância do esporte na vida social do indivíduo e descreve que a prática esportiva possui significância direta nos processos de desenvolvimento desde a infância. Preparar os jovens dentro da iniciação esportiva faz parte de uma etapa complexa, uma vez que está relacionada com a atenção das relações interpessoais. Essa afirmação é comprovada com o fato do esporte abranger diversos pontos e níveis que podem ser analisados e investigados, como: objetivos, jogos, comunicação em grupo, funções relativas aos treinos, tipos de vínculos entre jogadores e familiares; bem como com os torcedores, a vivência dentro das próprias instituições etc.

Dessa forma, o protagonismo no esporte e a iniciação esportiva somente serão alcançados com o apoio moral e, em diversas vezes, financeiro da família. Essa será a base para o sucesso, uma vez que a família é a fonte de todo o comportamento da criança, da postura adotada frente ao meio social, do desenvolvimento do seu perfil e da capacidade de vivência com os demais no ambiente. As exigências básicas para a relação com o meio social e com o próximo são adquiridas no convívio familiar (FILGUEIRA; SCHWARTZ, 2007).

A importância da relação entre os pais e seus filhos se torna ainda mais visível quando se trata de iniciação esportiva. O aspecto familiar também determina a reprodução de crenças e valores sociais pela criança, como é o caso do preconceito e da desigualdade de gênero. Não deveria ser assim, mas é comum o pai ou a mãe dizer pra filha que o futebol não é um esporte feito pra mulheres, pois é uma prática violenta e que precisa de força e resistência física do jogador.

Quando a prática esportiva é autorizada, os filhos tornam-se reflexo dos que ficam nas arquibancadas torcendo e auxiliando para que este tenha uma conduta esportiva, que deve ser seguida com rigor pela criança.

Os pais devem dar todo o auxílio com o intuito de mostrar boas condutas e relações. Porém, a família pode influenciar também nos aspectos negativos para o desenvolvimento esportivo dos filhos, exigir demais e cobrar excessivamente. Isso pode fazer com que as crianças tenham posturas indesejáveis e criem expectativas irreais.

De acordo com Filgueira e Schwartz (2007), o Brasil é considerado o país do futebol. Infelizmente, esse modelo de pensamento não é tão feliz na prática, uma vez que os pais buscam apresentar os talentos de seus filhos o mais cedo possível e isso faz com que a criança sofra uma pressão desnecessária para a idade. A falta de consideração e o entendimento sobre a maturidade da criança pode causar sobrecarga de responsabilidade em um momento que ela ainda está em período de formação. Filgueira e Schwartz (2007) ainda citam que comparecer aos jogos, treinos ou qualquer ambiente que se tenha relação com o esporte pode despertar maior interesse da criança ou em alguns casos o descontentamento, aprovação ou a falta desta aprovação.

Todt (2007) apresenta alguns estudos na área de Psicologia Esportiva revelam que as crianças podem se incomodar ou gostar da presença dos pais. Isso ocorre de acordo com a capacidade dos responsáveis de influenciar positivamente os filhos e de quanto eles acreditam no incentivo dos pais. Dessa forma, é importante que a criança e o atleta tenham um bom relacionamento com a família, os fatos positivos, os bons acontecimentos e as lembranças podem direcionar a vida do atleta, determinando o modo de agir desde o início da atividade até o fim do treinamento e/ou competição. Isso pressupõe colocar sobre a

família a responsabilidade de incentivar as práticas esportivas e de se posicionar de forma que a criança seja encorajada (ou não), o que influencia nas escolhas do futuro atleta em qualquer gênero esportivo.

Considerações Finais

Através deste estudo foi possível perceber os avanços históricos na prática do futebol feminino no Brasil, assim como suas implicações sociais e o papel da mídia no auxílio à popularização e a valorização do esporte. Há também um tratamento diferenciado e sexista no futebol, sendo a prática do esporte reconhecida através do conceito de gênero e atribuída socialmente no país, o que resulta em dificuldades e empecilhos enfrentados pelo público feminino.

O primeiro ponto percebido no estudo é a existência do preconceito relacionado ao futebol feminino, que diminuiu com o passar dos anos. O processo se mostra lento, por isso o futebol possui sua origem histórica e raízes culturais relacionadas com elementos considerados masculinos, como músculo, força e virilidade. Quando se enxerga o lado feminino da prática, compreende-se que o esporte possui ainda pouca aceitação por parte da mídia e, em alguns momentos, falta apoio da escola e dos familiares.

O segundo é o fato de a mídia brasileira e mundial ainda não darem a devida importância que o futebol feminino merece, uma vez que esse é o esporte mais praticado em todo o mundo. Ainda é possível perceber que a mídia mundial, sendo a maior responsável por influenciar a adesão à prática, ainda não oferece total apoio e nem a ênfase necessária das ações/iniciativas que tem por objetivo influenciar a aceitação das mulheres na prática do futebol em diversas culturas pelo mundo.

O terceiro foi a importância da aceitação familiar da prática do futebol feminino, tendo em vista que a maioria das meninas sofrem diversos preconceitos. Com isso, é necessário que se ofereça o apoio necessário para que elas se beneficiem, cada vez mais, da prática, além de ter a satisfação de participar de uma atividade de sua preferência.

As escolas também reproduzem atitudes e posturas preconceituosas quando não incentivam as meninas a participar do mundo do futebol. Há necessidade de mudanças, desde a Educação Infantil, para que o hábito de jogar bola possa ser experimentado por elas também.

Referências

BRITTOS, Valério Cruz; SANTOS, Anderson David Gomes dos. Processos midiáticos do esporte: do futebol na mídia para um futebol midiático. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 9, n. 26, p. 173-190, nov. 2012. Disponível em: < <https://revistacmc.espm.br/revistacmc>>. Acesso em: 2 mar. 2023

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades – Revista de História**, v. 13, n. 1, p. 695-705, jan./jun. 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/26283>>. Acesso em: 2 mar. 2023

COSTA, Leda Maria da. Beauty, effort and talent: a brief history of Brazilian women's soccer in press discourse. **Soccer and Society**, v. 15, n. 1, p. 81-92, 2014. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/262898962_Beauty_effort_and_talent_A_brief_history_of_Brazilian_women's_soccer_in_press_discourse. Acesso em: 01 fev. 2022.

DARIDO, Suraya Cristina *et. al.* A Educação Física na Escola, A Formação do Cidadão e Os Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, jan./jun.2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139482>. Acesso em: 01 fev. 2022.

FILGUEIRA, Márcio; SCHWARTZ, Gisele M. Torcida família: A complexidade das Inter – relações na iniciação esportiva no futebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, n. 2, p. 245-253, mai./ago. 2007. Disponível em: https://rped.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/vol.7_nr.2/1-12.pdf. Acesso em: 01 fev. 2022.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/nTrFPPWwPkMTKPMmBmtRwCc/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 01 fev. 2022.

GASTALDO, Édison Luis *et. al.* Futebol, mídia e sociabilidade. Uma experiência etnográfica. **Cadernos IHU Idéias**, São Leopoldo, ano 3, n. 43, 2005. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/043cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>>. Acesso em: 4 mar. 2023.

KNIJNIK Dorfman, Jorge; VASCONCELOS, Esdras Guerreiro. Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. In: SIMÕES, Antonio Carlos (org.). **Mulher e Esporte - mitos e verdades**. Barueri: Manole, 2003. p. 165-175. Disponível em: < https://repositorio.usp.br/single.php?_id=001398902>. Acesso em: 2 mar. 2023.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino. O discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira Ciências Deporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005. Disponível em: < https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/011715_157.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2023.

NOBRE, Moacyr Roberto Cuce; BERNARDO, Wanderley Marques; JATENE, Fabio Biscegli. A prática clínica baseada em evidências. Parte I: questões clínicas bem construídas. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 445-449, 2003. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ramb/a/CV9D6pNdhrPqW3khfMMYwYz/?lang=pt>>. Acessado em: 2 mar. 2023.

REIS, Lucia Costa. **Representações da mulher que joga futebol**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1997. 232fls. Disponível em: < <https://ludopedio.org.br/arquibancada/mulheres-no-mundo-do-futebol/>>. Acessado em: 2 mar. 2023.

TODT, N. S. Em busca do espírito olímpico: maturação biológica e iniciação esportiva. In: MORAGAS, Miquel de; DACOSTA, Lamartine (orgs.). **Universidad y Estudios Olímpicos: Seminarios Espanha-Brasil 2006**. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics i de l'Esport (CEO-UAB), 2007. p. 261-270.v. 1. Disponível: < <https://docplayer.com.br/10447634-Em-busca-do-espírito-olímpico-maturacao-biologica-e-iniciacao-esportiva-no-minibasquetebol.html>>. Acessado em: 2 mar. 2023.

PAIVA, Dannyellen. **Aluna de escola de BH vai à Justiça para ter direito de jogar futebol com colegas**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/07/05/aluna-de-escola-de-bh-vai-a-justica-para-ter-direito-de-jogar-futebol-com-colegas.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2023.